



Phot. Belleza

A interessante menina Delphina Maria da Silva Meirelles, filha do snr. Antonio Augusto de Meirelles

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Repub'lica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 198

Braga, 14 de Abril de 1917

Anno IV

Bordados Suíços



meninas e crianças em Cambraia, Vêo, Crêpe, Gandie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90
Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em sedas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Charmeuse, Gabardine, Eolienn, Falia, Cotele, Vêo, etc., cambraia, suíssa 120 cm de largura desde frs. 2,50 metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

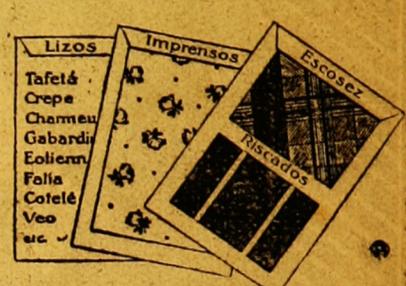
**directamente da Suíssa,
franco de porte a domicilio!**

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras.

Schweizer & Co. Lucerne, 82 (Suíssa).
Casa Suíssa — Mercadorias Suíças.



- Lizos
- Imprensos
- Escocoz
- Riscados
- Tafeta
- Crêpe
- Charmeuse
- Gabardine
- Eolienn
- Falia
- Cotele
- Vêo
- etc.

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133--BRAGA
Telephone n.º 29 Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA
Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.
Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO:

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.^a

ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

— DE —

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

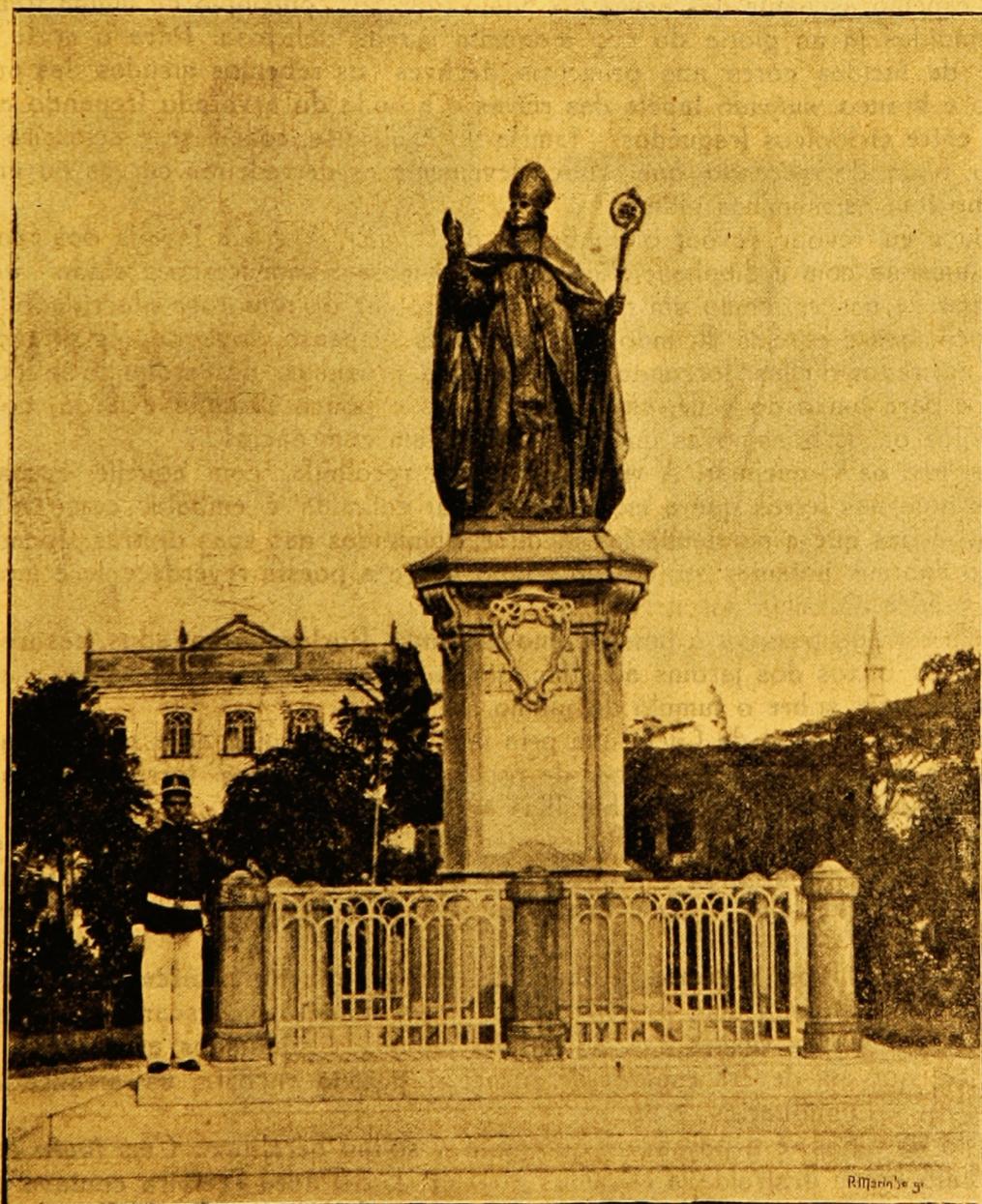
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 14 de Abril de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 198—Anno IV



R. Marin's sc. gr.

Monumento a D. Frei Caetano Brandão na cidade do Pará

CHRONICA DA SEMANA

Terras altas...

Um luar clarissimo abriu a paysagem. Ao longo da estrada de Monção nós iam, os dois, embevecidos na contemplação do valle em feeria, poalhado de nevoa que amaciava os conhornos e confundia no mesmo azul tenuissimo e brando os poligonos irregulares da verdura cantante dos prados, ou as tintas escuras dos pinhaes e carvalheiras, nas boleadas encostas. O rio murmulhava, ferido de luar...

As casas senhoriaes dispersas, com os seus torreões, capellas, e o ar velhinho das joias que vivem a saudade callada d'outros tempos, appareciam-nos mais enlevantes de mysteriosa evocação.

Silencio! Ouve-se apenas o resfolego das aguas claras na montanha, chorando nas cascatas escondidas, e um galopar surdo, successivamente mais surdo, 'tê apagar-se de todo nos aquietados echos... E batem longamente, as badaladas da meia noite!

... Manhã alta a lufada fresca a invadir-me o quarto, ao chegar-me á janella, novissimo e deslumbrador scenario me surprehende. A villa toda agachada em redor dos cinco campanarios das suas egrejas brancas, curva-se sobre o rio que lhe traça um perfil suave, descido da montanha longinqua, seguindo a linha média do largo berço do valle. O sol vibra na vasta ábside azul do céu primaveral, esplendido de lucilações trementes no espelho ascúante das neves do Suajo, que eu contemplo na minha frente, as grimpas fundidas já na gloria do céu d'aquella manhã deliciosa. Para o norte, a luz que enche de lúcidas côres nos primeiros declives os rebentos meúdos das arvores, verde, oiro e branco, suávido tapête das relvas e a onda do arvorêdo trepando aos cabeços por entre ciclópicos fraguêdos, — tamisa-se, azuleja-se, roxeia-se e acinzeira-se para o fundo, n'um decrescendo que esboça levemente as derradeiras curvas ou empasta n'um mesmo tom as manchas ultimas...

Alli ouço eu revoar, revoar o bimbalar d'*alleluias*. A graça lavada dos campanarios canta unisona com a diaphaneidade do ar. O mesmo som fresco e alado — *alleluia! alleluia!* — parece nascer, como um respiro ou desbolar de rumorosa alacridade, de todas as capellinhas e egrejas, ficando por momentos suspenso, logo depois girando, rodopiando, em redor d'ellas, forçando as quebradas próximas, desenrolando-se por fim, para cima e para baixo do valle, em vaga a pouco e pouco distante e larga, como os echos remôtos ou as boas-novas que todos espreitam com ância!...

Judas, não os vi queimar. A villa continuava recolhida, com aquelle recato que sómente se nota nas terras que a melopeia do mar entimida e embala, como a minha ou nas povoações que a montanha faz meditar, aninhadas nas suas dobras, tocadas do seu silencio enorme, nutantes atravez do tempo, entre a poesia reverdecete e moça dos valles e a velhice altissima das néves...

... Pela estrada passava a ponte, fomos subindo. Portaes armoriados, casarões cerrados, entre os buxos dos jardins ao abandono, a herva dos pateos desertos e a capella que parece rezar sobre o tumulo do ultimo fidalgo.

N'uma curva, o paço de Giela que pela manhãzinha surgira ante nós gritando os tempos velhos do reino, levanta-se, côr de rocha puija, a grossa torre quadrangulada erguida como um gonfalão rôto em batalhas antigas.

Subimos e entramos. Ogivas simples rasgando a pesada muralha. Janellas em cujo enfeite se retorçe ou arrenda o primeiro manuelino. Dentro, a caliça em lascas, pesados madeirões de castanho, vigas enormes amparando o heroico monumento volvido em palheiro e adegal

Fechando os olhos, o passado do seculo de quatrocentos nasce. Chega-nos aos ouvidos, a balada de toda uma lenda, o tinido das armaduras, o escarvar dos cavallos; as côres variegadas dos vitraes das janellas ferem-nos... e sonhamos as paixões do paço fronteiro, que alli devêra esperar de surpresa, a meia encosta, as arrancadas dos feudaes gallegos, tumultuarios.

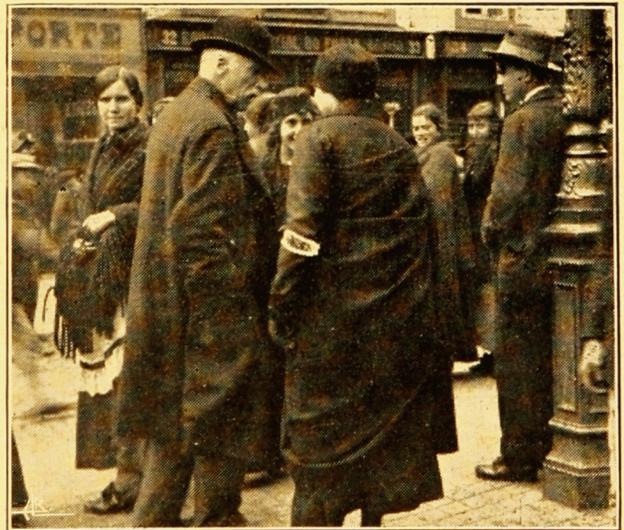
Abrindo os olhos, é a paysagem que mata o sonho heráldico. *Ceci fuera cela...*

Um vento brêve desfraldava espumas no Vez. E o Padre Ferreira contava chupando o seu cigarro, com uma paciencia evangelica, as suas desgraças de Sistêllo...

F. V.

FACTOS

Para os feridos da guerra



1—Vendendo uma flôr.

2—Um grupo de estudantes.

3—Duas gentis meninas pedindo um donativo n'uma paragem.

4—Duas estudantes pedindo.

5—Carro dos Bombeiros Voluntarios Portuenses que tomou parte no cortejo.





1—Um grupo de marinheiros no cortejo.

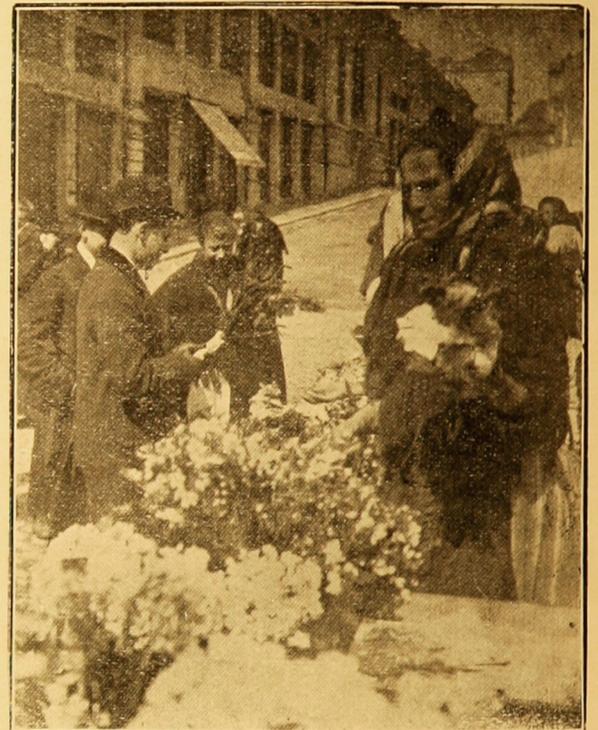
2—Escolhendo flôres.

3 Comprando um ramo.

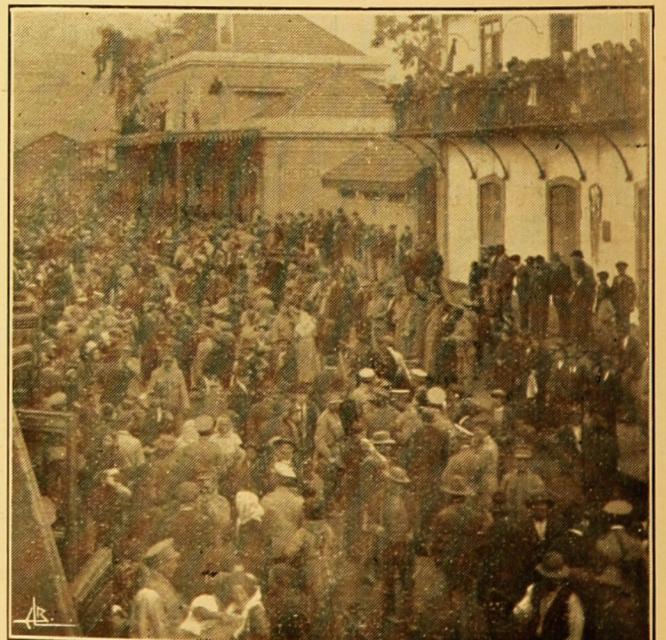
REGUA—4 e 5—Dois aspectos da manifestação feita pelo povo da Regua ao regimento d'infantaria 9, de Lamego, na sua passagem n'aquella villa para Lisboa e d'onde irá para França.

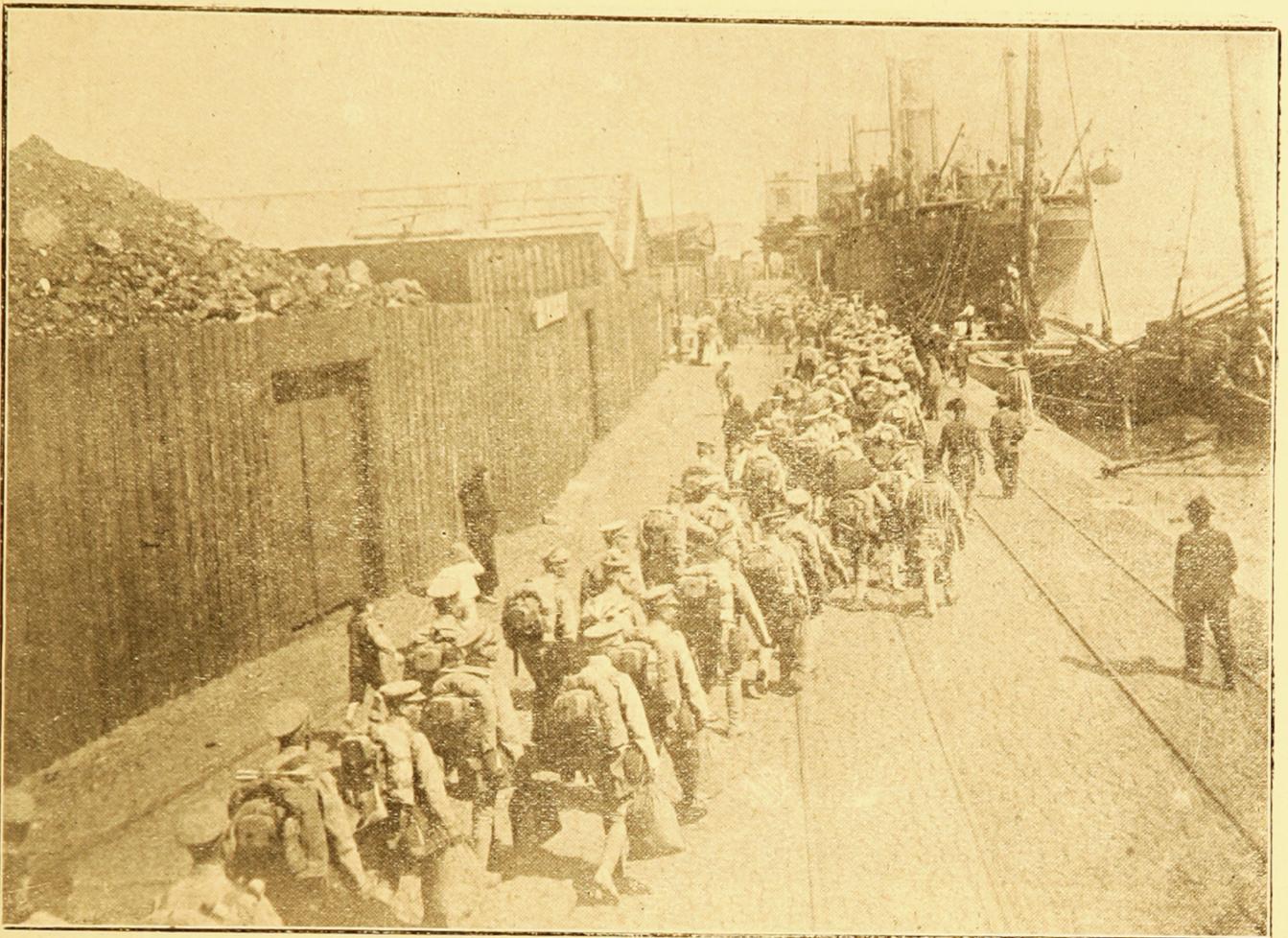


Domingo de Ramos no Porto

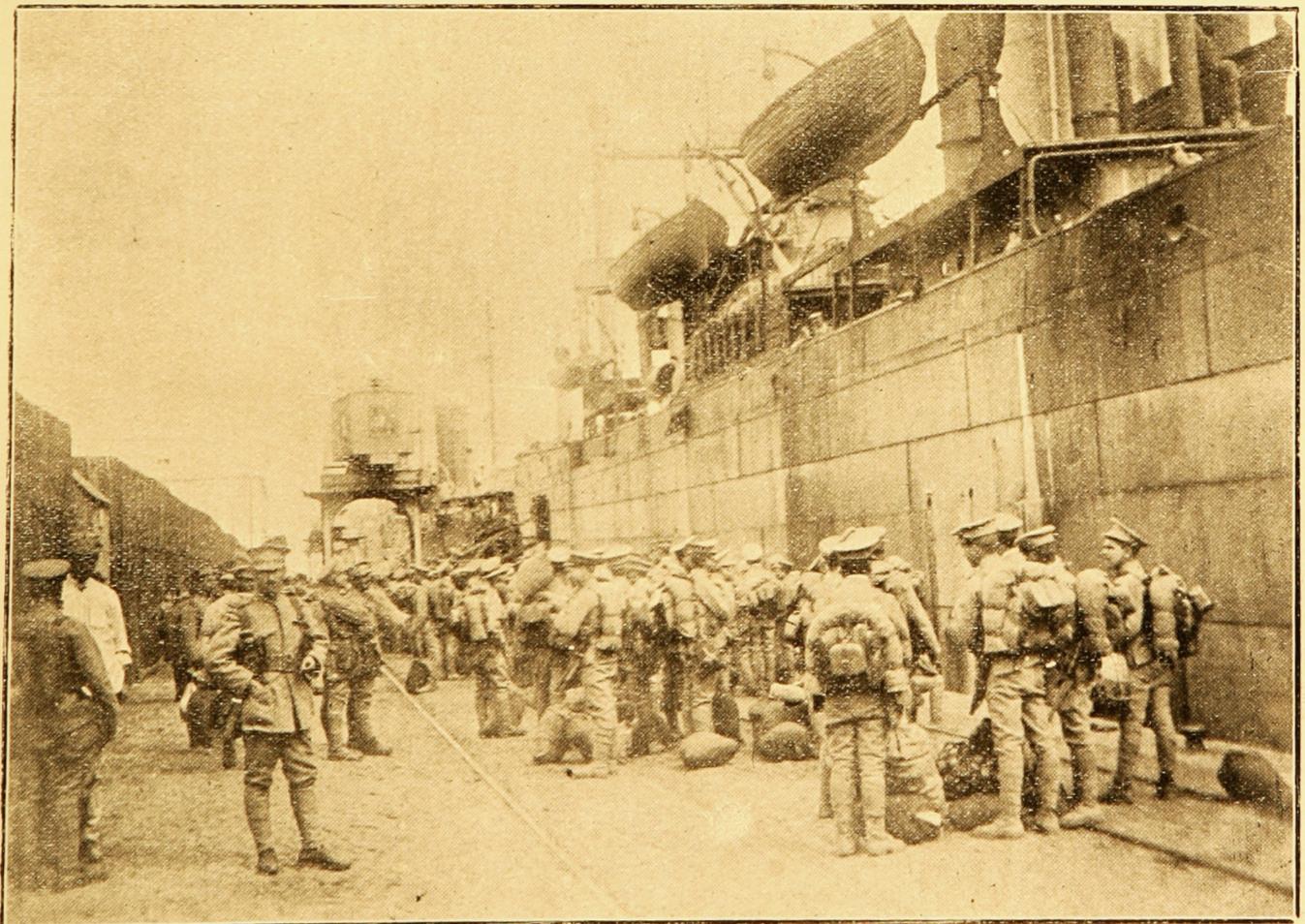


A ferreira expedição para a França





infantaria 9 dirigindo-se para o transporte



Antes do embarque



A bordo—Os soldados contemplan o lindo panorama de Lisboa

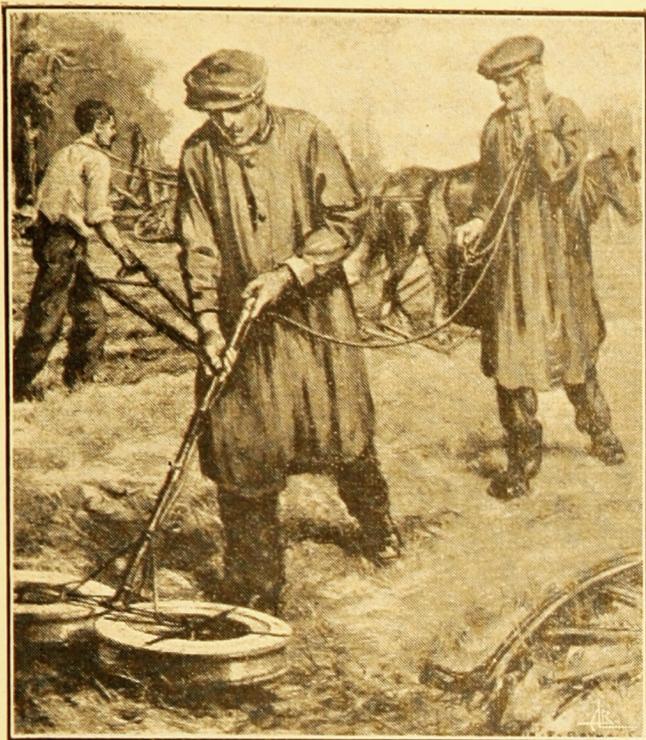
(Publicação au 5^o nr. Ministro da Guerra.)

Guerra Europeia

O avanço inglez no Oriente



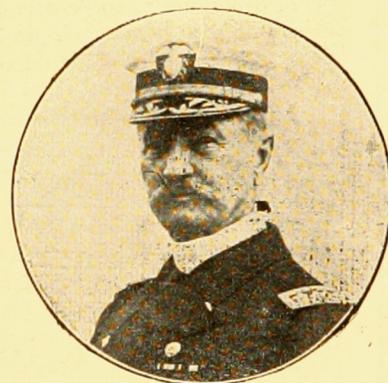
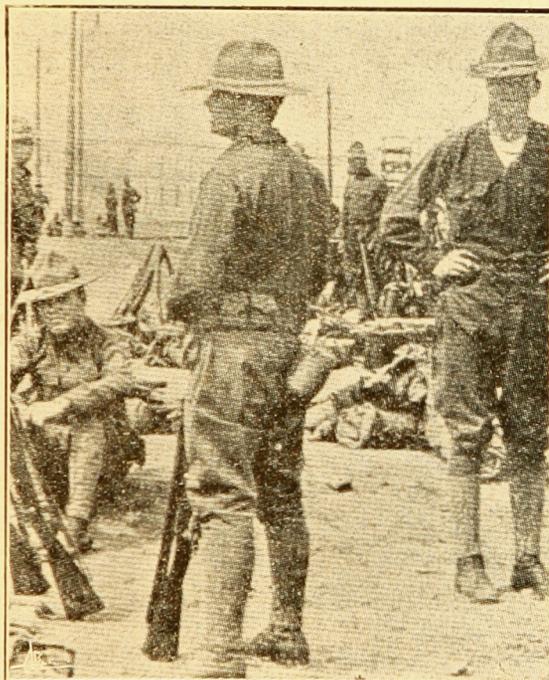
BAGDAD—Um aspecto do cemiterio dos defensores da constituição persa



1—Um novo aparelho para descobrir minas subterrâneas.

2—Uma ferradura guardada por um official inglez, como lembrança d'um recontro.

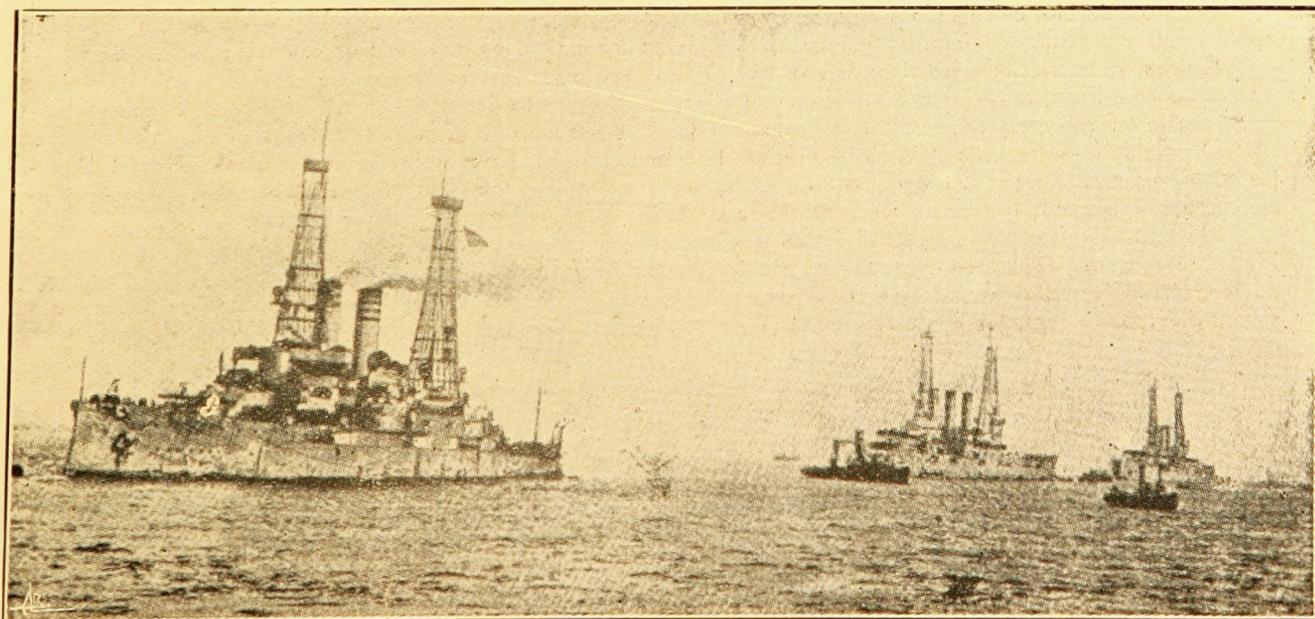
3—O general Leonardo Wood, grande figura militar da America.



4—Os soldados de infantaria americana.

5—O almirante Badger, illustre marinheiro americano.

6—Dois poderosos barcos de guerra americanos.



PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XIII.—Pintura em vidro—vitraes—(technica)

As unicas pinturas em vidro que se conhecem dos primeiros seculos christãos, são os fundos das laças doiradas. Este fundo era duplo; entre as duas laminas vitreas estava collada uma folha de ouro com as figuras recortadas. Tais objectos não tem valor artistico; o seu unico valor é archeologico. Os auctores antigos como Lactancio, S. Jeronymo e Prudencio fallam-nos da belleza polychromatica das janellas das basilicas romanas nomeadamente a de S. Paulo, onde os vidros, diz o ullimo, "brilham como os prados e campos de flôres na primavera". Nem aqui se trata de vidros pintados, mas sim de vidros de côres diversas, dispostos nos claros do edificio. Esta coloração é da massa toda, obtem-se por meio de oxydos juntados quando esta está em fusão. Os vidros de que vamos tratar são pintados só na superficie, embora para a fixação das tintas se recorra ao calor do forno.

A verdadeira pintura em vidro é posterior a Carlos Magno—embora não se possa precisar bem a data em que principiou—S. Bernardo allude a ella em 1134, quando manda que dentro dos seus conventos os vidros sejam "brancos, sem cruces nem pinturas". Um abbade do Monte Cassino em 1058 ordenou que os vidros da Sala do Capitulo fossem pintados.

Os allemães querem para Hildesheim a gloria da invenção do vitral. Deixando de parte a controversia da origem d'um ramo de arte essencialmente christão, e que tanto realce deu e dá ainda ás egrejas gothicas, trataremos aqui brevemente da technica complicada que preside ao seu fabrico.

A primeira etape de confecção é o modelo em tamanho natural, com todas as figuras necessarias e ornamentos que deve ter o vitral. Ao pintá-la o artista procura dispor os personagens de modo que o rosto, as mãos etc., não cáiam no lugar onde devem ficar as soldaduras ou esqueleto de chumbo. Estes chumbos são constituídos por fitas duplas, de 7 m. m. de largo, soldadas no meio, afim de poderem formar chanfraduras onde se inserem os vidros. Longe de firarem a graça ao desenho, servem elles não sómente de apoio necessario para os vidros mas tambem para dar maior vivacidade de contraste ás varias côres. Algumas vezes o cartão é colorido á aguarella, outras vezes as côres são unicamente indicadas num modelo mais pequeno.

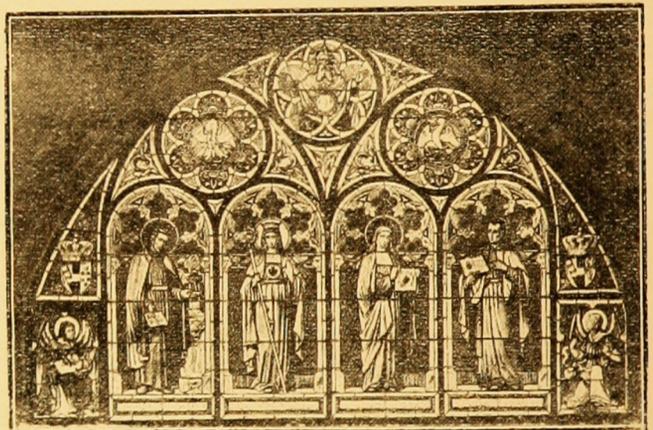
Calca-se o cartão sobre outro, e depois vae-se cortando este em tantas partes quantos hão de ser os vidros. Estes cortes servem de padrões para a talha dos vidros.

Na escolha d'estes ultimos deve presidir um criterio apurado pois para as partes sombreadas hão de se preferir vidros grossos, outras partes requerem vidros ondulados, etc. Adaptam-se os vidros cortados em caixilhos provisorios de chumbo, em fôrma de quadros, e collocam-se sobre cavalletes especiaes, com fundo de vidro. O artista trabalha contra a luz: começa por dar ao quadro uma camada de cor grisalha. Depois de secca vae raspando as partes que estão destinadas para os claros. Executa em seguida cuidadosamente o desenho, aperfeiçoa o colorido, calculando a modificação que ha de soffrer no forno. Vira depois o quadro e no reverso applica outras camadas de tinta, as que hão de formar as carnações, os doirados, os amarellos, etc.

Retiram-se os caixilhos provisorios e os vidros vão para o forno, onde estão em camadas sobrepostas e alternadas com barro refractario, de modo a evitar o contacto directo de duas superficies vitraes. Fecha-se hermeticamente o forno e aquece-se até o vermelho-cereja. A apreciação do grau da temperatura é obra de expertos.

Depois deixa-se resfriar lentamente o forno (15 e mais horas!) e examinam-se uma a uma as peças. Quantas surpresas mysteriosas! Em algumas desapareceu a tinta, outras tomaram côres inesperadas, outras apresentam uma especie de tremor do colorido. Já se vê, todos estes pedaços devem ser refeitos.

Quando as varias peças do vitral estão promptas, encaixilham-se. Direi como observação final que os fabricantes modernos ainda não conseguiram egualar alguns dos coloridos medievaes, e a prova é que nenhum dos concorrentes que apresentaram vitraes para substituir os que faltam na Basilica de S. Paulo de Roma, conseguiu obter côres analogas aos dos antigos vidros, os poucos que ainda subsistem nesse formoso templo.



Um vitral moderno

Egreja de S. Maximiliano—Liuz (Austria)

AGNUS.

Villa Viçosa antiga

Egreja de N. Senhora da Lapa

E' este um dos melhores templos da villa.

Edificado no vasto Largo do Carrascal, hoje denominado *Campo da Restauração*, é elegante, formoso e amplo. De architectura singela anda ligada á sua construção uma história devéras curiosa e interessante, sobre a qual correm duas versões.

Era o anno de 1753 quando numa linda tarde do estio appareceu a imagem, que nesta Egreja se venera, metida no carcomido tronco duma oliveira que havia dentro d um ferregial pertencente á distinta familia dos Silveiras da mesma villa, precisamente no local onde actualmente está edificada esta Egreja.

Alguem aproximando-se por acaso da referida oliveira repara e vê dentro d ela uma formosa imagem da Virgem. Rapidamente se espalhou por toda a villa a noticia deste prodigioso facto e dentro em breve se estabelece para alli uma verdadeira romaria de crentes e curiosos, tanto da villa como de Borba onde já havia chegado tambem a mesma noticia, começando desde logo a chamarem-lhe: *Senhora Aparecida*.

E' esta a primeira versão.

Porém a segunda, talvez a mais verosimil e aceitavel é a seguinte: encontrando-se, nesta villa em 1755, o missionario o Rev.^o Angelo Sequeira, cônego da Sé de S. Paulo, no Brazil, donde viera para a cidade do Porto, onde edificava um hospício, e trazendo comsigo esta imagem, pois é de pequenas dimensões, que costumava apresentar nos lugares que visitava no exercicio do seu munus da prédica, os povos desta villa tanto se



Senhora Aparecida

dedicaram a Ella em virtude de várias graças de Ella recebidas, que a pediram com fervor ao seu possuidor. Elle assentiu de bom agrado a tais supplicas, impondo-lhes com tudo a condição de Lhe edificarem um templo; o que foi immediata e jubilosamente aceite.

Este mesmo missionário se constituiu desde logo iniciador desta edificação, associan-

do a si, alem d'outras pessoas piedosas da villa o ecclesiástico calipolense, Francisco Martins, Capelão da Real Capella, de Villa Viçosa, que trataram de dar inicio á construção duma pequena capella ou Ermida, onde Ella podesse receber condigna homenagem. Para esse fim obtiveram prévia licença ou Provisão do Arcebispo de Evora, D. Frei Miguel de Távora, que actorisou tal construcção com a clausula expressa de que ficasse sujeita a sua jurisdicção ordinaria e dos seus sucessores e não do Padroado de Aviz, nem á interferencia do párocho da freguezia de N. Senhora da Conceição, que é a Matriz, em cuja area ia ser edificada; o que se cumpriu até ao ano de 1834 tendo capellão privativo até 1836 de nomeação exclusiva dos Arcebispos de Evora.

(*Continúa.*)

EM CHRISTO!

VI

Hoje, saudades, cruas nostalgias,
Lembram-me fumo ao vento na amplidão:
Dissipam-se n'um golpe de tufão,
E deixam só algumas cinzas frias.

O que hoje me dá luz todos os dias
É a morte do velho coração,
Da ancia da volúpia, da ambição,
Da gula por fallazes euphonias.

E que o Mestre Divino me proteja
No despir d'estes ultimos pedaços,
D'estes trapos da veste malfazeja . . .

Que elles võem depressa nos espaços,
Emquanto, ó Christo, a Vossa Santa Egrja
Me colhe docemente nos seus braços.

José Agostinho.

PRECE

á Virgem Padroeira

Senhora, os vossos filhos vão tambem partir,
Deixando paes, esposas, mães, filhos e lares
No soffrer mais cruel que se pode sentir
Mas chama-os um dever de bravos militares.

O velho Portugal, a patria estremecida,
Chama os nossos soldados para o proteger
E os heroes portuguezes vão expor a vida
No campo da batalha, onde o vão defender!

Senhora, protegei sempre os nossos soldados,
Fazei-os valorosos, fortes e ouzados
E lá na grande guerra nunca os d'samparcis

Para que amanhã voltem cobertos de gloria
Honrando uma vez mais as paginas da historia
E eterna gratidão em nós encontrareis!

Manteigas
Janeiro, 1917.

Paulo Lopes da Silva.

Ubi Veritas?

(A' distincta poetisa D. E. Neves Pereira)

I.

No ethereo aneio, vago, inextinguivel,
Em que andas pela Vida soluçando,
Inquieta, duvidosa, procurando
A perfeição austera, inacessivel.

Bates ás ferreas portas do Impossivel,
E noite e dia clamas, esperando
Que num trovão ou num murmurio brando,
—Eis-me aqui!—te responda o Invisivel?

Não batas mais! Laceras os teus dedos.
Dentro de ti do Amor a voz maviosa
Soa e desvenda todos os segredos:

—E' doce a Vida, a Morte deliciosa,
Filhos do Eterno, amai-O, vivei ledos
Até que a Aurora esplenda bonançosa!

20—3—916.

II.

Não é delirio vão da phantasia
Essa ventura ideal a que aspiramos,
Pois incessantemente a procuramos,
Por um instincto innato que nos guia.

Nascemos para o Bem, para a Alegria,
E ás cegas n'essa mira caminhamos.
Soffremos no entretanto, porque andamos
Perdidas nesta bruma densa e fina:

A nevoa resultante da ignorancia,
Que ha-de volver se em doce claridade,
Quando o homem sahir da sua infancia.

Então, manando goso e suavidade,
Ha-de surgir em plena rutilancia,
Consoladora e simples—a Verdade!

João Avelino.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Cinzas

MEU amigo: Vou hoje satisfazer a sua curiosidade. Está disposto? ora ainda bem; accenda o seu *upman* e vamos lá braço dado, para essa jornada piedosa atravez do passado. Não precisa levar a sua pellica; o clima do passado é tépido, confortador, como um dia de verão. A alma regela em arripios na travessia incerta do presente, mas se foge para as recordações e se deixa arrastar-se guiada pela saudade e pela phantasia, por entre as sombras dos tempos longinquos, fortifica-se, reanima-se, n'uma grave atmosphera e fica esquecida e alegre, alegre na mesma delicia morna d'um *Angorat* enrodilhado ao sol.

Vamos á nossa jornada. *Utrecht*, tem razão, tem mais na nossa memoria do que a opulencia grave dos seus cadeirões, solennes, dos seus velludos realengos. E' um marco triste na nossa vida passada, uma *étape* infeliz na nossa diplomacia.

Carlos II d'H:spanha, rei poderoso mas sem prole açula a ambição das nações. A França, a Austria, a Baviera, ligadas estreitamente, por casamentos á dynastia caduca blazonam incontestaveis direitos. No throno de França está uma filha de Carlos I e se afinal essa princeza hespanhola renunciou no dia do noivado feliz, aos seus direitos, o marido, o ambicioso Luiz XIV, a pretexto d'impedir a união da corõa de Castella á causa d'Austria, reivindica-os ambicioso para a sua descendencia. A Europa se não vê com bons olhos a união da Hespanha á Austria pouco lhe agrada tambem que a França possa um dia fruir, a herança castelhana. Em qualquer dos casos vê erguer se uma poderosa força, um novo perigo, e, habilidosamente arrasta as nações ao tratado d'Haya de 1698. Carlos II protesta com vehemencia, mas Luiz XIV, responde manhosamente, que em face do direito todas as nações podem defender-se d'uma supremacia perigosa.

A' manha responde a manha e o Rei Carlos institue, por testamento, seu herdeiro principal, o principe da Baviera, que morre pouco depois. Novas esperanças, novas intrigas e os paizes signatarios do protocollo d'Haya, firmam em 1700 outro tratado, mas o Rei d'Hespanha, irritado com o novo accordo trespassa por testamento ao Duque d'Anjou os seus direitos. Luiz XIV aceita a herança e rompe com a Inglaterra e com a Hollanda arrastando as nações interessadas, para a sangrenta guerra da successão. D'um lado a Hespanha e a França defendem os direitos de Philippe d'Anjou, contra a Inglaterra, a Austria e a Hollanda, que patrocina a causa do Archiduque Carlos. Portugal enfileira ao lado da França, mas D. Pedro II levado pela Inglaterra que lhe recorda impondo os deveres d'alliado, e lhe faz promessas largas de compensações territoriaes, passa a defender os problematicos direitos do Austriaco. A guerra attinge o seu termo sangrento e o congresso d'*Utrecht* vem harmonisar as pretensões dos vencidos e dos vencedores, satisfazer todas as ambições e todas as codicias, a pretexto de restabelecer o equilibrio europeu. Luiz XIV realisa o seu sonho e embora vencido, faz coroar seu neto Rei d'Hespanha, enquanto as duas corõas ficam absolutamente separadas. A Belgica, Milão e Napoles passam da Hespanha para a Austria mas Portugal não consegue as compensações prometidas. A despeito dos seus grandes sacrificios, das suas grandes despesas, Badajoz, Albuquerque, Valencia na Extremadura, Guardia, Bayonna, Tuy e Vigo na Galliza, que a Austria promettera a D. Pedro II, ficam na posse da Hespanha. Como sempre ou quasi sempre, nós aguentamos a carga dos prejuizos e dos dissabores. A paz de *Utrecht* foi um bodo farto para todas as ambições e mais uma cruel e amarga desillusão para o nosso leal esforço.

E aqui tem meu amigo a razão porque *Utrecht* é para nós alguma coisa de triste e desolado, que nem a moral serviu d'ensinamento para o futuro, porque mais uma vez e como sempre, nós experimentamos a forma generosa e grata com que se agradecem serviços e se compensam esforços.

Hontem como hoje, nem sempre nos podemos ufanar da sorte, porque a gratidão das nações é afinal como disse certo dia, o irrequieto chancellor—uma gratidão de gata; não é meiguice, é uma arranhadella e quanto a unhas ainda, em *Utrecht* sempre lá appareceram bem mais afiadas do que as nossas . . .

GOMES LEAL, O POETA DA FARÇA E DA IRONIA

I

IN illo tempore... quando o revolucionario das rimas passeava pela Baixa, de braço dado com Bordallo Pinheiro, o inventôr da caricatura politica, o seu symbolo de poeta devia sêr um gallo petulante...

Gomes leal amava os colêtes garridos, os bons charútos e os cravos vermelhos. Sabia afilar como ninguem um beijo a uma mulher bonita, ou uma flôr a uma actrizinha galante.

O seu symbolo de poeta devia sêr o gallo—um gallo de crista rûbra e de esporões acerados, afoito e audáz, atrevido e sem mêdo, lançando num desafio o cócórôcô estridente...

Tinha uma paixão enorme pelas viagens, pelos costumes bizarros, pelas paysagens grandiosas, pelas *cosmopolis* movimentadas, pela febre moderna de vivêr.

E contudo parece que nunca viajou. Mas o seu lyrismo desordenado e impulsivo encontrou formas novas para o verso, dêsde a mansa *Historia de Jesus para as creancinhas lêrem* até aos arrebatamentos do *Anti Christo* e das *Claridades do Súl*.

Tão depressa desafiava as tradições e a realêsa a golpes de alexandrinos, como troçava da *rúa* no que ella tem de incompetente, de absurdo, de vil, de abjecto... E superiôr a tudo—manejando a bengala como quem brande um chicote, enfarpelado de nôvo, feito *dandy* com o seu cravo na lapella—durante mais de vinte annos elle foi o arrojado ironista, o incançavel combatente, o audáz iconoclasta...

Enquanto pôde rir soltou a mais vigorosa gargalhada, que depois do Bocage, ainda se ouviu em terras portuguezas. Depois, reconhecendo que tinha ido longe de mais na sua troça implacavel, retirou-se. E finalmente um grande lucto emmudeceu-o...

Pertencem á primeira phase do poeta os sonetos, que vão lêr-se:

Pedido de casamento

Fui um dia pedir em casamento
— tinha a venêta, enfão, do matrimonio!...
uma sereia loira... ai, que portento!
mais linda que as sereias do mar Jónio!

Mas os páes, que cuidavam me um bolónio,
— meu grádo o olhar gaiáto e o atrevimento —
perguntaram-me em tom, bem pouco ausónio:
— Qual é o seu emprêgo e o seu provenfo?..

— Amo as Músas! ronquei, com ar peralta.
E hei-de ascendêr a posição muito alta.
— Muito alta!... e erguí ao tecto a magra mão.

— Aspira então, decerto, a ser ministro?...
— Não senhor's! regoguei com ar sinistro:
Vou subir com dois figes em balão.

Outro pedido

Outra vêz ao Burnay... *sangue di Báco!*
esmola vem pedir rôto mendigo.
Só levava o Burnay chéques consigo.
— Conde! bradei-lhe a rir. Tome um paláco!—

D'ali côrro a pedir—era o meu frâco—
a mão de uma outra bella, que eu não digo.
Pergunta logo o Pae, murcho qual figo,
— se eu sou rico, ou p'ra as cifras tenho cáco.

* Se eu sou rico?... bradei com largo aprúmo,
lançando dois ou trez puxões de fumo
ao nariz do Ancião, gráve, e de pé...

* Se eu sou rico!... bradei num riso louco.
* Só lhe direi—Caro Senhor—que ha pouco
* —emprestei umas mássas ao Burnay!

DOM SANCHO.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ovidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Ribeiro, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 7, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY.**

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos; com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA